

Amato repele choque e defende salário

"Qualquer novo congelamento que venha a forçar uma situação mais difícil para os empresários, nós não teremos condições de aceitar." O alerta foi feito ontem, em São Paulo, pelo presidente da Fiesp, Mário Amato, preocupado com as notícias de que há estudos do governo para um novo choque na economia. Segundo Amato, não se trata de desobediência civil, mas de falta concreta de condições para os empresários trabalharem. "Não há lei no mundo que nos obrigue a produzir e vender abaixo do custo", afirmou, já prevenindo a volta do ágio, do desabastecimento e o recuo na produção se outro congelamento vier.

Para o presidente da Fiesp, porém, não existe apreensão por parte dos empresários com a possibilidade da explosão inflacionária nem remarcação antecipada de preços —

uma situação estaria forçando a outra. "Os empresários confiam no ministro Bresser Pereira e estão colaborando com o governo", garantiu. Segundo ele, os dois lados estão trabalhando "em harmonia", principalmente porque o Conselho Interministerial de Preços, (CIP) tem sido mais flexível. A seu ver, os problemas do País no momento são gerais e não apenas do governo.

Apesar de tudo, acredita Mário Amato, "o povo brasileiro tem



João Pires - 240-87

Amato prevê ágio

uma capacidade extraordinária. O nível de emprego deixou de cair e há uma araguenha de negócios". Amato entende que, com a proximidade do final de ano — menos Imposto de Renda e 13º salário no bolso — e com os aumentos salariais superiores aos 10% estipulados pelo governo, haverá uma reanimação do mercado. Se alguma coisa acontecer, afirmou, será só em fevereiro.

Ao citar os aumentos salariais como fatores

de reaquecimento do mercado, Mário Amato praticamente admitiu que os reajustes ficarão acima dos índices desejados pelo governo. "Se pudermos, nós vamos cumprir esse teto, mas não podemos forçar a natureza e obrigar o trabalhador a aceitar o que ele não pode", afirmou, referindo-se especificamente às negociações com os sindicatos de metalúrgicos. Ele admitiu ainda que aumentos superiores aos 10% serão necessariamente repassados para os preços finais dos produtos. "Seria falacioso dizer o contrário", comentou.

"VAMOS TORCER"

O presidente da Fiesp disse, ainda, que a crise financeira mundial e a possibilidade de recessão nos Estados Unidos é uma situação preocupante, embora tenha ressaltado que as variantes do momento brasileiro joguem a ameaça de crise — se houver — só para o próximo ano. De qualquer forma, segundo Amato, "quando os Estados Unidos vão mal, o mundo vai mal".